

EM DESTAQUE

Professores iniciam ano letivo com palestra

No dia 1º de fevereiro, professores das Unidades Centro e Jacarepaguá puderam assistir à palestra de abertura do Ano Letivo realizada por José Ernesto Bologna, no Museu Militar Conde de Linhares, ao lado da Quinta da Boa Vista. Psicólogo, administrador, fundador da Ethos - Desenvolvimento

Humano e Organizacional e especialista em Psicologia do Desenvolvimento aplicada à Administração e à Educação, Bologna abordou as transformações do mundo contemporâneo no cenário educacional.

Confira no texto abaixo o tema tratado na palestra.

Realidade, verdade, consciência e educação

O projeto da modernidade, realizado no século XX, propôs e celebrou valores e práticas a ponto de tornar-se uma verdadeira “era”, a “era moderna”. Nela, rupturas culturais importantes foram realizadas e novas idéias difundidas, em especial aquelas fundadas na ciência e na tecnologia, saberes capazes de descrever, construir e controlar “realidades”. Surgiu a comunicação de massa - cujo apogeu é a intersecção, e portanto a intercomunicação entre telefone fixo, fax, rádio, tv, telefone celular e web - consolidou-se a sociedade de consumo - cujo apogeu é a intersecção entre o consumo de bens perecíveis, o consumo de bens duráveis e o consumo de contratos de manutenção, ou seja, em que os imperativos de rentabilidade procuram tornar “não-duráveis”, através da mudança de moda, alguns bens tradicionalmente duráveis - e espalhou-se uma concepção da existência capaz de experimentar as vantagens do imediatismo individualista, rompendo com os valores clássicos do coletivismo sacrificial.

Ninguém duvida que o projeto da modernidade saindo do 14bis chegou ao DC10 e, saindo do telégrafo, chegou à internet. A modernidade “conquistou a realidade”, subjugou o meio ambiente - a ponto de colocá-lo em risco -, acelerou os transportes, condicionou a temperatura do ar nos escritórios, ensinou a juventude a beijar como em Hollywood

e convenceu os adultos de que a ciência e a tecnologia tornam a vida mais longa e os dias fisicamente mais confortáveis. Não há dúvida, a modernidade conquistou grandes espaços da realidade. Mas o que fez a modernidade com a verdade e com a consciência, duas categorias, ao lado da verdade objetiva, fundamentais para a educação?

A psicanálise inicia-se na década de 1890 propondo uma novidade importante para a psicologia da consciência. A novidade de que, sob o manto aparentemente racional, luminoso e bem intencionado da consciência, existe um inconsciente. O inconsciente é uma região oculta, que não se pretende facilmente revelada - ou seja, com mecanismos próprios de ocultação - e que, numa certa medida (senão na totalidade),

controla o funcionamento da consciência. Notemos que a modernidade apresenta, já em sua raiz próxima, a coexistência de duas atitudes: uma convicção e uma desconfiança.

Convicção de que a ciência e a tecnologia mostravam-se - e de fato mostraram-se - capazes de grandes avanços no campo das realidades objetivas, e desconfiança de que as nossas idéias, discursos e gestos nem sempre são como se apresentam.

Ao lado de um “possível grande bem”, o avanço humano sobre as realidades objetivas do mundo e da natureza - submetendo-as mais aos nossos interesses como humanos



O psicólogo José Ernesto Bologna em palestra de abertura do ano letivo

–, a modernidade ofereceu outro “possível grande bem”, a desconfiança de que sob as boas intenções humanas podem ocultar-se intenções inconscientes da pior espécie. Assim – **vista, agora, já da pós-modernidade** –, o desequilíbrio fundamental da era moderna foi a utilização de um dos dois “grandes bens”, o avanço sobre a realidade objetiva, em detrimento e com esquecimento do outro, a possibilidade de que as ofertas e os discursos “bem intencionados” sejam, de fato, construtivos e produtivos, tanto individual quanto coletivamente.

Em palavras simples e diretas, compartilho aqui três percepções. A primeira, que **na medida em que ganhamos competências objetivas sobre a realidade perdemos consciência crítica sobre nós mesmos**. A segunda, que **esses dois fatos – competência objetiva e consciência crítica – estão relacionados entre si porque, no fundo, a “tentação” gerada pelo avanço de um leva à “redução” do poder moderador do outro**, distraindo-nos, via “objeto de desejo”, de construir melhor o “sujeito que deseja”. A terceira, que tais percepções propõem **um tema fundamental da educação pós-moderna: equilibrar nosso crescente poder objetivo sobre o mundo com melhor consciência crítica sobre nós mesmos**. Caso compartilhe tais percepções, comecemos, de dentro deste poderoso cenário pós-moderno fundado na ciência, por recuperar cenários antigos da filosofia.

Tomemos uma frase clássica, “**Amicus Plato, sed magis amica veritas**”. “**Platão é meu amigo, mas a verdade é mais minha amiga**”. Até hoje os filósofos podem discutir o que disse, com isso, Aristóteles a seu amigo Platão.

Convencionemos, apenas arbitrariamente, que “realidade” – de **res, coisa** – pode referir-se ao “real objetivo”, e que “verdade” – de **veritas** – pode referir-se ao verdadeiro subjetivo e, eventualmente, coletivo – por exemplo é **preciso amar as crianças e orientar os jovens**. Ora, quando Aristóteles inicia afirmando que Platão é seu amigo, claramente, nessa expressão social de afeto íntimo, Aristóteles refere-se a uma verdade subjetiva, talvez mesmo existencial, afinal, foi preciso compartilhar uma vida para construir tal amizade. Em seguida, ao afirmar que a verdade é “mais sua amiga” (do que Platão), Aristóteles claramente contrapõe o afeto do amigo à convicção do filósofo. Sem dúvida, até mesmo independente do contexto em que ocorreu e do assunto que a ilustrou, essa escolha estimula o que poderíamos chamar de uma “objetividade”. Entre a amizade e a verdade, o filósofo deve escolher a verdade. No entanto, avançando mais, são circunstâncias muito diferentes se essa “verdade” – **supostamente maior que a amizade** – é apenas uma verdade dos sentidos e do gosto – por exemplo, **Afrodite é mais bela que Atenah** – ou se é uma verdade percebida pelos sentidos aliados à

experiência e à razão – por exemplo, **essa árvore parece muito seca e deve estar morta** – ou, ainda, se é uma verdade da razão e da experiência que parece prescindir dos sentidos corpóreos – por exemplo, **zero é igual a zero**, ou a **noção de infinito parece mais fácil para o pensamento que para os sentidos**. Tendo refletido um pouco, voltemos ao eixo principal.

A educação é um conjunto de métodos e técnicas apoiados em saberes de origens variadas e distintas. À semelhança da engenharia, que se vale da física, da química e da matemática; à semelhança da medicina, que se vale da bioquímica, da biofísica e da psicologia, **a educação é um conjunto transdisciplinar de saberes a serviço de objetivos que variam de uma época para outra**. Em certas épocas a educação pode simplesmente “atender” a sociedade que a demanda, em outras épocas a educação é chamada a transformar uma sociedade que mal sabe demandá-la. Cabe à filosofia da educação meditar, e propor, que objetivos deve ter a educação em cada época. Assim, se na modernidade coube à educação ensinar o valor da ciência e da tecnologia, valorizando o espírito investigativo do objetivismo e reduzindo a opressão dos dogmas, o que cabe à educação na pós-modernidade? A serviço de que metas coletivas, portanto sociais, devem estar os educadores atuais?

Proponho abrir com Aristóteles. Concordando com ele em sua época, mas discutindo-o hoje, muito desconfiado que ando da maneira como a “verdade” (objetiva) tem sido usada “contra” a verdade (subjetiva). De propósito, e a propósito, provooco:

“Amica veritas, sed magis amicus Plato”.

“A verdade é minha amiga, mas Platão é mais meu amigo”.

Não seria sobre isso – **o poder do amor de verdade ante o amor ao poder da verdade** –, que os educadores pós-modernos deveriam refletir, e propor, mais e melhor?

José Ernesto Bologna

Anderson Carvalho



Os professores do Centro e de Jacarepaguá lotaram o auditório do Museu Militar, em São Cristóvão